



Giselle Beiguelman, *Cinema Lascado* (Minhocão), 2010

Paradoxo(s) da arte contemporânea: diálogos entre os acervos do MAC USP e do Paço das Artes

Ana Magalhães e Priscila Arantes

Curadoras

Nesta mostra de parceria entre o MAC USP e o Paço das Artes, tomamos, por princípio, o cruzamento entre o acervo do Museu e o acervo do Paço – entendido aqui como a documentação e o arquivo que essa instituição criou a partir de seu programa de exposições e sua contribuição para a memória da arte contemporânea, questões centrais também para o MAC USP. Nesse diálogo, procuramos cotejar e acompanhar artistas que fizeram a história do Paço e estão presentes no acervo do MAC USP. A escolha da obra de Regina Silveira como fio condutor para a seleção dos demais artistas e as questões levantadas pela exposição confluam não só para essa história institucional comum, mas também para as inquietações que a curadoria de ambas as instituições tem levantado no que diz respeito à produção contemporânea.

Paradoxo do santo, de Regina Silveira, é o ponto de partida desta curadoria. A instalação foi originalmente realizada para o Museu del Barrio, em Nova York, para uma mostra na qual a artista participou em 1994, tendo dado entrada no acervo do MAC USP logo em seguida. O que a artista propõe aqui é o que ela

mesma chama de uma “instalação ambiental”, na qual contrapõe a imagem popular de um santo – Santiago Apóstolo ou Santiago Matamoros, patrono militar da Espanha e do Novo Mundo – à grande sombra distorcida e projetada do famoso monumento equestre dedicado a Duque de Caxias – patrono das forças armadas brasileiras –, concebido pelo célebre escultor modernista Victor Brecheret. A artista refletia, assim, sobre os conflitos de dominação da América Latina, a gigante subjugada ao poderio luso-espanhol, e que ainda vive sob um regime de colonialidade. Invertendo os sinais, com a sombra do monumento equestre de formas clássicas sendo parte do patrimônio e da história brasileira, e a pequena imagem popular do santo como um referente do centro, Silveira aponta para as contradições dessas relações de força e para a história conflituosa entre esses dois territórios.

A partir dessa instalação, do efeito da sombra e seus significados, abrimos um leque de trabalhos de Regina Silveira que, daí, se desdobram em outras questões vizinhas. Fazem parte da exposição *Inclusões em São Paulo*, a série *Interferências*, *Infernus*, *Enigmas* e *Anamorfias* (álbum de gravuras que foi sua dissertação, na USP). Há uma ampla gama de materiais que a artista usou para conceber essas obras em diferentes momentos de sua carreira. Além da sombra distorcida ser parte integrante de muitas delas, Silveira revisita nelas a problemática do museu de arte na contemporaneidade, de como ele lida com proposições artísticas que demandam outros modos de documentação, apresentação e conservação. Ela ainda, necessariamente, trata da questão da memória e de como se constroem as narrativas dentro de nossas instituições. A ideia de território, de mapa, e o papel da cidade nessa chave também são questões candentes em seus trabalhos aqui apresentados. Regina Silveira coloca-se, assim, dentro de uma poética que se aproxima de questões ativistas e insurgentes, ou lança luz sobre elas. As gravuras do álbum *Anamorfias* são, por fim, uma espécie de síntese entre a ideia paradoxal da sombra e sua real ameaça, ou potencial de violência, já que as sombras, nesse caso, são de objetos cortantes; embora comuns no ambiente doméstico, eles podem ferir ou até matar.

O museu, o território, o ativismo e a violência são questões que orientaram a seleção de obras dos demais artistas. O museu e seu paradoxo são revisitados nas proposições de Fabiano Gonper, Felipe Cama e Antoni Muntadas. O território e seus conflitos emergem nas proposições de Giselle Beiguelman, Gilberto Prado, Rosângela Rennó, Alex Flemming e Nazareno Rodrigues. O ativismo e as poéticas militantes estão presentes nos trabalhos de Eduardo Kac e Tadeu Jungle. A violência é inerente aos trabalhos de Thiago Honório, Fernando Piola e Hudinilson Jr. Essas constelações não são núcleos ou temas rígidos na exposição, mas formam redes de contatos, sobrepondo-se umas às outras. Nas palavras da própria Regina Silveira, são artistas que compartilham com ela da mesma “pelagem”, sem que, necessariamente, sejam da mesma espécie.

A exposição não tem uma disposição linear nem cronológica, mas procura fazer um diálogo entre os artistas dentro desses paradoxos que a arte contemporânea propõe na atualidade.



Regina Silveira, *Paradoxo do Santo*, 1994

Contemporary Art Paradox(es): dialogues between MAC USP’s and Paço das Artes’s Collections

Ana Magalhães and Priscila Arantes

Curators

In this show that is a collaboration between MAC USP and Paço das Artes, we took as principle to cross both collections – understood here as comprising documentation and the archive that this institution created from its schedule of exhibitions and its contribution to the memory of contemporary art, which are central issues at MAC USP as well. In this dialogue, we sought to put side by side and follow artists who made Paço’s history and are present in MAC USP’s collection. Choosing Regina Silveira’s work as guiding principle for the selection of the other participating artists and the issues raised by the exhibition merged not only towards this shared institutional history but also towards the matters that both curatorial teams have been raising in regards to contemporary production.

Paradoxo do santo (A Saint’s Paradox) by Regina Silveira is the starting point of this exhibition work. The installation was originally created for the Museo del Barrio in New York City for a show in which the artist participated in 1994, having been added to MAC USP’s collection soon after. The artist’s proposal is what she herself calls an “environmental installation,” in which she opposes a cheap image of a saint—Saint James Apostle or Santiago Matamoros, Spain’s and the New World’s military patron—to a large, distorted shadow projected by a famous equestrian monument dedicated to Duque de Caxias—the Brazilian army’s patron—conceived by the celebrated Modernist sculptor Victor Brecheret. The artist was thus reflecting on the conflicts of domination in Latin America, a giant subjugated to the Portuguese-Spanish powers, which to this day lives under a regime of coloniality. Inverting the signals, with the shadow of the classically shaped equestrian monument that is part of Brazilian heritage and history, and the small cheap image of the saint as a reference of the center, Silveira points to the contradictions of those power relationships and to the conflicting history between these two territories.

From this installation, and the effect of the shadow and its meanings, we unfold to a selection of works by Regina Silveira that, from then on, reflect on other neighboring issues. Inclusões em São Paulo (Inclusions in São Paulo), the Interferências (Interferences) series, Infernus, Enigmas, and Anamorfias (Amorphs; a print album that was her graduation work at USP) are part of the exhibition. There is a wide range of materials that the artist used to conceive these works at different times in her career. As well as distorted shadows being integral parts of many of them, Silveira revisits in them the issue of the art museum today, of how it deals with artistic propositions that demand other forms of documentation, display, and conservation. She also, necessarily, tackles the issue of memory and of how narratives are built within our institutions. The



Fernando Piola, *Operação Tutoia*, 2007/12 (detalhe da obra)

idea of territory, of map, and the role of the city in this key are also hot topics in her works exhibited here. Thus, Regina Silveira puts herself within some a poetics that comes close to activist, insurgent issues, or casts light on them. The prints in the Anamorfias album are, finally, a kind of synthesis between the paradoxical idea of the shadow and its real menace, or potential for violence, since the shadows, in this case, of cutting objects; even though commonplace in domestic environments, they can hurt and even kill.

The museum, territory, activism, and violence are issues that guided the selection of works from the other artists. The museum and its paradox are revisited in propositions by Fabiano Gonper, Felipe Cama, and Antoni Muntadas. Territory and its conflicts emerge in the works by Giselle Beiguelman, Gilberto Prado, Rosângela Rennó, Alex Flemming, and Nazareno Rodrigues. Activism and militant poetics are present in works by Eduardo Kac and Tadeu Jungle. Violence is inherent to works by Thiago Honório, Fernando Piola, and Hudinilson Jr. These constellations are not cores or rigid themes in the exhibition, but they form contact nets, one juxtaposed over the other. In the words of Regina Silveira herself, they are artists who share the same “fur” with her, without being of the same species.

The exhibition does not have linear or chronological organisation, but it aims at fostering dialogue between artists within these paradoxes that contemporary art currently proposes.